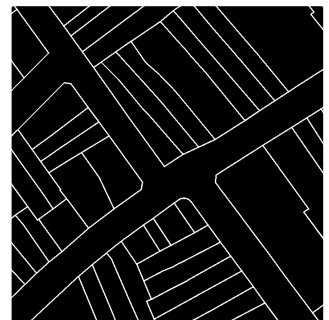
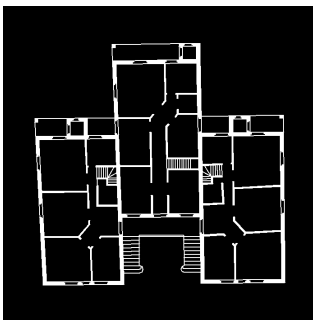
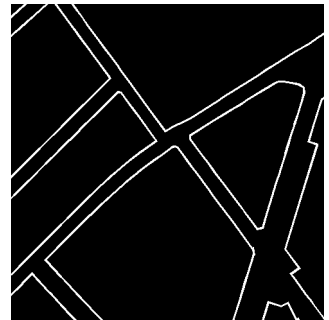
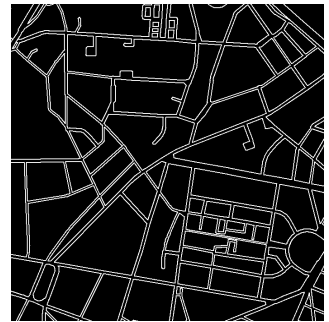


REVISTA DE MORFOLOGIA URBANA

Revista da Rede Lusófona de Morfologia Urbana

2017
Volume 5
Número 1



Editor:	Vítor Oliveira , Universidade do Porto, Portugal, vitorm@fe.up.pt
Editores Associados:	Frederico de Holanda , Universidade de Brasília, Brasil Paulo Pinho , Universidade do Porto, Portugal
Editores Assistentes:	Cláudia Monteiro , Universidade do Porto, Portugal Mafalda Silva , Universidade do Porto, Portugal
Consultores:	Giancarlo Cataldi , Università degli Studi di Firenze, Itália Ian Morley , Chinese University of Hong Kong, China Jeremy Whitehand , University of Birmingham, Reino Unido Kai Gu , University of Auckland, Nova Zelândia Michael Conzen , University of Chicago, EUA Peter Larkham , Birmingham City University, Reino Unido
Quadro Editorial:	David Viana , Nottingham Trent University, Reino Unido Giuseppe Strappa , Sapienza Università di Roma, Itália Isabel Martins , Universidade Agostinho Neto, Angola Jorge Correia , Universidade do Minho, Portugal José Forjaz , Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique Judite Nascimento , Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde Luiz Amorim , Universidade Federal de Pernambuco, Brasil Manuel Teixeira , Universidade de Lisboa, Portugal Mário do Rosário , ISCTEM, Moçambique Renato Leão Rego , Universidade Estadual de Maringá, Brasil Sandra Pinto , Universidade Nova de Lisboa, Portugal Sílvio Soares Macedo , Universidade de São Paulo, Brasil Stael de A. P. Costa , Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil Teresa Calix , Universidade do Porto, Portugal Teresa Marat-Mendes , Instituto Universitário de Lisboa, Portugal Vicente C. Sendra , Universitat Politècnica de València, Espanha Xosé Lois Suarez , Universidade da Coruña, Espanha

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões expressas nos textos publicados na 'Revista de Morfologia Urbana'. Os Artigos (não deverão exceder as 6 000 palavras, devendo ainda incluir um resumo com um máximo de 200 palavras), as Perspetivas (não deverão exceder as 1 000 palavras), os Relatórios e as Notícias referentes a eventos futuros deverão ser enviados ao Editor. As normas para contributos encontram-se na página 2.

Desenho original da capa - Karl Kropf. Desenho das figuras - Vítor Oliveira

REVISTA DE MORFOLOGIA URBANA

Revista da Rede Lusófona de Morfologia Urbana

Volume 5 Número 1 Julho 2017

3 Editorial

5 **R. L. Rego, A. Hollatz, G. Cardoso e M. Tavares**

Estratégia projetual e configuração urbana: estudo morfológico de duas cidades novas no Brasil de meados do século XX

15 **R. M. Almeida**

‘Uma Cidade Industrial’ de Tony Garnier: repensando a gênese do urbanismo progressista, no centenário de sua publicação

Perspetivas

27 A tipologia dos traçados urbanos como indicador de poderes concentrados ou dispersos

E. Z. Monteiro

30 A cidade como promotora de saúde pública *D. Pires*

31 Forma urbana e clima – uma relação reforçada pelos desafios das alterações climáticas

L. M. Batista

33 Morfologia urbana e ambiente *O. Oliveira*

36 A influência da forma urbana na eficiência metabólica das cidades: uma reflexão à microescala urbana *R. Fernandes*

38 Morfologia urbana e biologia: a cidade como organismo *C. Monteiro*

41 A dimensão urbana nos cursos de arquitetura *V. Oliveira*

42 O território instável da urbanística na arquitetura: conceitos e instrumentos que definem um lugar próprio? *S. Sucena*

45 O processo urbano no ensino da arquitetura *J. Flores*

47 O ensino da arquitetura: a arquitetura com consciência urbanística *R. Mealha*

48 Aceder, ver, perceber: frentes de água em perspetiva *R. Ochoa*

52 O crescimento da cidade de Guimarães e a evolução da sua estrutura espacial

M. Oliveira, M. Barbosa e M. Viana

57 Apreensões sobre a metodologia *Morpho* *B. Zaitter*

Relatórios

14 1º Congresso do ISUF-Hispânico, Toledo, 2016 *C. M. Utanda*

Notícias

4 *Urban Morphology*

14 PNUM 2018: A produção do território – formas, processos, desígnios

26 ISUF 2017: *City and territory in the global era*

58 3º Workshop PNUM

60 4º International Symposium Formal Methods in Architecture

Urbana, num projeto que alimenta a sensibilidade para os princípios da transdisciplinaridade em apresentações intermédias e finais desejavelmente partilhadas entre as três cadeiras e comentadas pelos docentes (com formações diferentes) envolvidos, sendo este um caminho com interesse já reconhecido e que por isso se pretende reforçar.

Referências

- Ascher, F. (2010 [2001]) *Novos princípios do urbanismo seguido de novos compromissos urbanos: um léxico* (Livros Horizonte, Lisboa).
- Bauman, Z. (2013 [2000]) *Modernidad líquida* (Fondo de Cultura Económica, Cidade do México).
- Oliveira, V. (2017) 'A dimensão urbana nos cursos de arquitetura', *Revista de Morfologia Urbana* 5, 41-2.
- Portas, N. (2012) *Os tempos das formas II: a cidade imperfeita e a fazer* (EAUM, Guimarães).
- Secchi, B. (2006 [2000]) *Primeira lição de urbanismo* (Editora Perspetiva, São Paulo).
- Solà-Morales, M. (1997) *Las formas de crecimiento urbano* (Edicions UPC, Barcelona).

O processo urbano no ensino da arquitetura

Joaquim Flores, Laboratório de Investigação em Arquitetura (LIA), Escola Superior Artística do Porto (ESAP), Largo de S. Domingos 80, 4050-545 Porto, Portugal. E-mail: joaquim.flores@esap.pt

Nos anteriores textos, de Oliveira (2017) e de Sucena (2017), publicados no presente número da Revista, são levantadas, pelo primeiro, uma série de questões para o debate, que são desenvolvidas e ampliadas pela segunda. Em termos pessoais, penso que o debate gerou acima de tudo concordâncias nos aspetos essenciais, independentemente das abordagens distintas que possam ser praticadas nos diversos cursos de arquitetura representados pelos oradores.

A inter ou multidisciplinariedade, a abordagem inter-escalas e a diminuição progressiva do peso da área científica do urbanismo nos cursos, são aspetos consensuais, ainda que possam ser efetivados de modos diferentes conforme as respetivas estruturas curriculares. No que respeita à seletividade dos territórios, as perspetivas poderão ser diferentes, abrangendo áreas consolidadas, em consolidação, centrais, periféricas, vazios urbanos, *terrain vague*, formas compactas, dispersas, etc. Contudo, este aspecto é conjuntural, dependente de contributos teóricos e interesses de investigação, oportunidades estratégicas de intervenção, conjugação com outras unidades curriculares, etc, não sendo assim um aspeto essencial do ensino da urbanística no âmbito dos cursos de arquitetura, que se deverá centrar nos métodos e ferramentas a fornecer aos discentes e que lhes permitirão no futuro abordar todos os territórios.

Tal como mencionado por Sucena (2017), o *corpus* teórico está também relacionado com a abordagem aos territórios, podendo-se afirmar que suporta o interesse por uns em detrimento de

outros. Porém, de acordo com o explanado na conferência, também este ponto pareceu ser no essencial transversal aos diversos oradores, assentando na perspetiva do projeto urbano como processo, tal como foi referenciado por Oliveira (2017). Apenas a intervenção deste último conferencista apresentou uma perspetiva complementar, que foca na morfologia urbana como abordagem ao conhecimento e análise do território. Também este autor defende no seu texto de opinião a relevância do plano urbanístico em complemento à prática do projeto urbano, mais generalizada entre os arquitetos.

Este último ponto leva-nos ao que considero ser o fulcral da discussão do ensino do urbanismo no âmbito dos cursos de arquitetura e que se condensa nos dois primeiros pontos elencados por Oliveira (2017): i) a ligação entre urbanismo e arquitetura, e ii) a tensão entre plano e projeto urbano.

Como preâmbulo é necessário reafirmar o óbvio, não estamos a falar do ensino do urbanismo, mas do ensino do urbanismo nos cursos de arquitetura. Este facto encerra em si logo um dos problemas iniciais: a relação entre a arquitetura e o urbanismo, situação que em Portugal não é clara, quer ao nível da prática profissional, quer ao nível do ensino. Nos países anglo-saxónicos temos uma distinção entre as disciplinas de planeamento e de arquitetura, tendo como disciplina de interface o desenho urbano, que progressivamente se está a autonomizar. Em termos nacionais não existe essa distinção profissional, o que se reflete obviamente no

ensino das diversas disciplinas. Se recorrermos aos estatutos da *European Association for Architectural Education* (EAAE, 2014), é possível verificar que um dos princípios base desta organização é o de promover a melhoria da qualidade do ensino da arquitetura e do desenho urbano. Complementarmente, a mesma organização produziu a *Charter on Architectural Research*, onde se refere que a essência da investigação em arquitetura reside no *design*, entendido como o projeto (EAAE, 2012). Esta visão é ampliada no memorando sobre investigação do *Royal Institute of British Architects* (Till, 2007), onde, entre outros aspetos, se afirma que o processo de desenvolvimento do projeto de arquitetura é uma das formas de promover a investigação e que o ambiente académico que promove a formação base do arquiteto pode e deve ser um campo de experimentação.

Estes textos suportam aquela que é a minha visão sobre a dimensão urbana no ensino da arquitetura e que corresponde à experiência como docente do Mestrado Integrado em Arquitetura (MIA) da ESAP. Assim, sintetizando a reflexão, posso afirmar que num curso de arquitetura o essencial é fornecer as metodologias de projeto, que permitam em primeira instância abordar a produção da arquitetura e do projeto urbano, que são as áreas base de atuação do arquiteto. Em termos pessoais, estou convicto que o arquiteto está vocacionado para escalas que assentam exatamente no projeto e não no plano. Assim, a sua formação deverá permitir cumprir estes objetivos e, havendo interesse profissional pela disciplina do planeamento, haverá necessidade de prosseguir com estudos avançados que permitam completar a formação nesta área, tradicionalmente mais relacionada com os campos da geografia ou da engenharia do território. Inversamente, estas últimas disciplinas não estão também elas vocacionadas para as escalas de projeto e, consequentemente, não terão qualificação para o desenho urbano. Isto não significa que a componente relativa aos planos não seja essencial na formação do arquiteto, mas somente que ela deverá ser aplicada como enquadramento e não como competência profissional base a fornecer. Isto não representa uma posição contrária à de Oliveira (2017) relativamente à relevância do plano urbanístico, que concordo ser essencial numa perspetiva estratégica sobre o ordenamento

do território. De um modo global esta abordagem é praticada no MIA da ESAP e a propósito da intervenção de várias unidades curriculares do curso num mesmo território, os respetivos docentes publicaram uma reflexão que expressa esta visão (Marcolin *et al.*, 2015).

Em conclusão, penso que a relação entre urbanismo e arquitetura, no âmbito do ensino, deverá ser realizada através do processo / projeto, que permite abordar a arquitetura e o desenho urbano, escalas naturais de atuação do arquiteto. A ‘soleira da porta’ não é a linha que separa as práticas do urbanismo e da arquitetura, mas sim as escalas operativas entre projeto e planeamento. Os cursos de arquitetura devem fornecer metodologias que permitam abordar a prática do urbanismo à escala do projeto e a da arquitetura no contexto urbano, enquadrada num conhecimento global do sistema de planeamento.

Referências

- EAAE, European Association for Architectural Education (2012) *EAAE Charter on Architectural Research* (http://www.eaae.be/wp-content/uploads/2014/05/2012-09-03_EAAE-Charter-on-Architectural-Research.pdf) consultado em 1 de Março de 2017.
- EAAE, European Association for Architectural Education (2014) *European Association for Architectural Education Statutes* (<http://www.eaae.be/wp-content/uploads/2014/11/EAAE-Statutes.pdf>) consultado em 1 de Março de 2017.
- Marcolin, P., Flores, J., Milão, S. e Fernandes, F. (2015) ‘Projetos para a zona das Fontainhas no Porto: desafios e contributos do ensino da arquitetura para a qualificação da cidade contemporânea’, *Dinâmicas: Magazine de Design de Produto* 3, 46-53.
- Oliveira, V. (2017) ‘A dimensão urbana nos cursos de arquitetura’, *Revista de Morfologia Urbana* 5, 41-2.
- Sucena, S. (2017) ‘O território instável da urbanística na arquitetura: conceitos e instrumentos que definem um lugar próprio?’, *Revista de Morfologia Urbana* 5, 42-5.
- Till, J. (2007) *What is architectural research? architectural research: three myths and one model* (Royal Institute of British Architects, Londres).